

## Quando a inundação vira o campo

Notas etnográficas sobre o pós-desastre (parte I)

**Alvaro Katsuaki Kanasiro**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2870>

DOI: 10.4000/pontourbe.2870

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Alvaro Katsuaki Kanasiro, « Quando a inundação vira o campo », *Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2870> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2870

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Quando a inundação vira o campo

Notas etnográficas sobre o pós-desastre (parte I)

Alvaro Katsuaki Kanasiro

---

## Introdução

- 1 Etnógrafos, quando vão a campo, geralmente são guiados por questões previamente estabelecidas em projetos de pesquisa e discutidas exaustivamente com seus pares na academia. Após estudar sobre o papel educacional de duas escolas brasileiras na formação da segunda geração de imigrantes brasileiros residentes no Japão, iniciei o curso de doutorado em abril de 2015 com um novo projeto sobre a transnacionalização do Espiritismo Kardecista no país. De forma bastante resumida, o objetivo é entender como a doutrina tem sido praticada e ressignificada pelos informantes diante da experiência migratória.
- 2 Contudo, as experiências observadas e vividas em campo quase sempre fogem de nosso controle, seja pelas consequências contidas em nossas próprias escolhas, pelas escolhas de nossos informantes ou, também, devido a fenômenos externos, tais como catástrofes e desastres naturais. Este relato visa mostrar como um desastre natural – no caso uma inundação de grande escala no município de Joso, cidade em que conduzo trabalho de campo – impõe novos desafios a pesquisas em andamento.
- 3 Joso situa-se na província de Ibaraki, na região de Kanto (leste), localizada a 60 km de Tóquio. Em 10 de setembro de 2015, chuvas torrenciais trazidas pelo tufão nº 18 fizeram o nível do rio Kinugawa subir, transbordando e rompendo a barreira de contenção em dois pontos. Desde a madrugada do dia 10 a prefeitura enviou mensagens pelo sistema de som da cidade alertando moradores para o perigo de inundação, além de instruções para evacuação. Alguns pontos começaram a alagar já no decorrer daquela noite. O jornal Sankei News<sup>1</sup> divulgou que às 8h20 da manhã do dia 10 a água já tinha invadido boa parte da cidade, atingindo bairros mais afastados do rio Kinugawa. A prefeitura, que de início serviu como abrigo, foi alagada rapidamente.
- 4 De acordo com a Geospatial Information Authority of Japan<sup>2</sup>, aproximadamente um terço da cidade (40 km<sup>2</sup>) foi invadida pela enchente. Em 15 de setembro, o portal Joyo News<sup>3</sup>

divulgou novos números sobre a inundação: duas pessoas tiveram a morte relacionada com o desastre, dois idosos estavam feridos gravemente (uma senhora de 79 anos e um senhor de 67), cinco pessoas estavam com ferimentos medianos e oito pessoas com ferimentos leves. Quinze estavam desaparecidas. Até às 6h do dia 14, 1.658 pessoas estavam alojadas em um dos dezenove abrigos localizados dentro da cidade; outras 1.346 estavam espalhadas em abrigos em municípios vizinhos, tais como Tsukuba, Tsukuba Mirai e Moriya, totalizando 3.004 pessoas. Entre os dias 10 e 13 o *jieitai* havia resgatado 1.334 pessoas com uso de helicópteros, e outras 2.773 com botes, atingindo a marca de 4.107 resgates. O desastre produziu cerca de 24.332 toneladas de lixo recolhidos em seis pontos de coleta dentro do município.

- 5 Em matéria publicada em 9 de novembro, dois meses após o desastre, o jornal Asahi<sup>4</sup> informou que mais de seis mil residências (sem contar prédios comerciais) foram danificadas pela inundação; mais de dez mil pessoas foram levadas para abrigos dentro e fora da cidade (porém, passado um mês o número de desabrigados caiu para cerca de 400). Embora o nível da água tenha baixado, os efeitos da enchente ainda são sentidos por moradores que lutam para receber indenizações da prefeitura.
- 6 A narrativa a seguir é baseada em fragmentos coletados nos primeiros dias após a inundação da cidade. Isso só foi possível graças a ajuda de informantes do centro espírita “Casa Caridade”<sup>5</sup>, que se prontificaram a ajudar os mais necessitados.
- 7 O relato é dividido em duas partes, sendo esta a primeira. Aqui são introduzidos o contexto da enchente, a cidade, informantes do centro espírita e o primeiro dia visitando abrigos. A segunda parte, a ser publicada posteriormente, foca na construção e articulação de uma rede de solidariedade feita por imigrantes brasileiros, a ida a regiões afetadas pela enchente e a situação de Casa Caridade após o desastre.

## Joso, antes da inundação

- 8 Joso foi fundada em 2006, com a união político-administrativa das cidades vizinhas de Mitsukaido e Ishige. Mitsukaido detinha maior número de residentes latino-americanos e uma história mais longa em relação à migração: os primeiros imigrantes brasileiros datam de 1990, ano em que a Lei de Controle de Imigração foi reformulada<sup>6</sup>.
- 9 A memória das duas cidades ainda persiste entre alguns moradores brasileiros mais antigos, que ainda se referem a Joso como Mitsukaido, e vice-versa. Apesar de ser uma cidade rural de pequeno porte, Joso fica a apenas uma hora de trem em direção a Tóquio. A cidade não possuía apelo turístico nem algo que lhe conferisse destaque regionalmente. Baseando-se em dados publicados pelo governo da província de Ibaraki<sup>7</sup>, em 2014 a população total em Joso era de 62.957 habitantes. Desses, 4.263 eram estrangeiros. Os principais grupos estão distribuídos da seguinte forma: 2.041 brasileiros, 934 filipinos, 287 chineses e 245 peruanos. As demais nacionalidades dividem-se entre vietnamitas (73), coreanos (71), taiwaneses (20), americanos (5) e um número expressivo de “outros” (587).
- 10 A mão de obra estrangeira é empregada majoritariamente no setor secundário (fábricas de componentes eletrônicos e de alimentos). Pouquíssimos brasileiros são empregados em postos de trabalho gerados pelo nicho étnico, tais como mercados de produtos brasileiros, lojas de roupas, academia, salão de beleza, autoescola e NPOs (non-profit-organization) preocupadas em ajudar a comunidade estrangeira local. Em decorrência da crise financeira de 2008 e o terremoto seguido de tsunami em 2011, a população estrangeira

diminuiu consideravelmente, afetando negativamente tais serviços voltados para a comunidade.

- 11 No entanto, é possível notar a presença de brasileiros na paisagem urbana através das fachadas de igrejas evangélicas erguidas na cidade. Pelo menos quatro igrejas evangélicas de diferentes denominações (entre elas uma filial da Igreja Universal do Reino de Deus) oferecem cultos semanalmente. Menos visíveis estão os dois centros espíritas kardecistas, que conduzem encontros em salas de prédios públicos. Ambos não possuem sede própria devido ao elevado custo para se adquirir ou alugar um imóvel. A participação de espíritas na cidade se dá de maneira muito mais cautelosa, não carecendo de fachadas, mas que não significa sua ausência. Interessante notar que a institucionalização religiosa de igrejas evangélicas e centros espíritas se dá de forma bastante diferente, influenciando o cenário e dinâmica da cidade.



Ilustração – Fachada da IURD em Josô. Foto tirada pelo autor em maio de 2013.



Ilustração – Fachada do mercado Brazilian Plaza, localizado no térreo. Pode-se notar as bandeiras do Brasil e do Peru.

No primeiro andar funciona uma autoescola. Foto tirada pelo autor em maio de 2013.

- 12 É importante salientar que foi a partir dessa rede de serviços e contatos criada pela comunidade brasileira local que os esforços iniciais de ajuda para as vítimas da enchente foram estabelecidos. A mobilização dessa rede e a articulação dos contatos de cada ator presente permitiu que doações chegassem em grande quantidade num curto período de tempo.

## Tufão nº 18, chuvas torrenciais e inundação

- 13 Minha esposa, Kelly, e eu estávamos em casa naquela tarde chuvosa de 10 de setembro. Era o terceiro dia consecutivo de chuva torrencial em Ibaraki. O noticiário havia dado vários alertas de chuva forte na região de Kanto (leste da ilha), pois o tufão nº 18, também conhecido como “Etau”, trouxera muitas nuvens carregadas. Em Joso e arredores, chovera o dobro do esperado para o mês de setembro em apenas três dias. O rio Kinugawa, que corta a cidade de norte a sul, transbordou em um ponto e quebrou a barreira de contenção em outro, alagando cerca de 40 km<sup>2</sup> da cidade, correspondente a um terço de sua área total. Segundo a Geospatial Information Authority of Japan, a área inundada possuía aproximadamente 4km de largura e 18km de comprimento. Nessa área concentravam-se cerca de vinte mil construções (entre residências e prédios comerciais), indicando considerável concentração populacional (ver Figura 1 – Mapa da Inundação de Joso).
- 14 A todo momento alertas disparavam nos nossos smartphones. Um alarme alto vinha acompanhado de mensagens escritas em *kanji* (ideograma). Mais tarde ficamos sabendo que a falta de alertas emitidos em outros idiomas foi um dos principais motivos para que estrangeiros não ficassem completamente cientes da magnitude que a situação adquiriria.

Mapa do alcance estimado da inundação causada pelas fortes chuvas provenientes do tufão nº 18 em 2015, província de Ibaraki, cidade de Joso (dados referentes ao dia 12 de setembro, 15:30h)

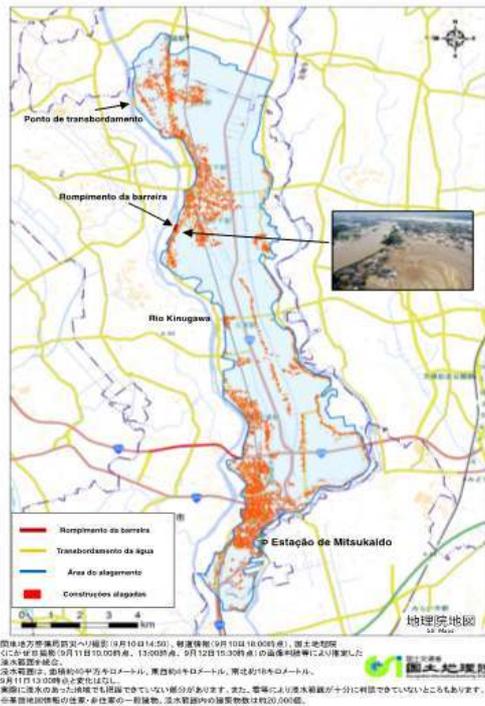


Figura - Mapa da Inundação de Joso. Reprodução feita pelo autor. Mapa retirado do site do Geospatial Information Authority of Japan. A foto em detalhe pertence ao Jornal Yomiuri Shimbun, coletada em 10 de setembro de 2015.

- 15 Só fui me dar conta da gravidade quando Kelly me chamou para ver algumas imagens na TV. “Isso é em Joso”, diz apontando para a cena de uma casa de madeira escura sendo arrastada pela água. Aquilo me lembrou imagens do tsunami de 11 de março de 2011. A seguir, a câmera foca num senhor encharcado, vestindo camiseta branca, bermuda marrom e descalço, agarrado a um poste. A correnteza de água enlameada perigosamente beirava seus pés. A corrente de vento provocada pelas hélices do helicóptero preto do *jieitai* (exército de autodefesa) parecia balançar aquele homem, aumentando a tensão. Após longos minutos de agonia, o senhor é finalmente socorrido.
- 16 Continuando a filmagem dos resgates, os próximos a serem salvos são um casal de idosos e seus dois cachorros. Eles tinham fugido para cima do telhado, já que sua casa, aparentemente de dois andares, estava quase que inteiramente submersa. Muito próximo a eles estava um prédio branco de uns três andares além de outra casa que fora arrastada. A impressão era de que a qualquer momento a força das águas poderia varrer aquelas três construções e a família. Mais uma vez o exército de autodefesa fora bem-sucedido no resgate. Histórias como estas se repetiriam nos noticiários dos próximos dias. Joso acabara de adquirir repercussão internacional de forma bastante inusitada.

## Dora

- 17 Após ver aquelas cenas, decidimos contatar nossos amigos e parentes na cidade. Além dos informantes, meus tios também residiam em Joso. Dora, 44 anos, dirigente do centro espírita “Casa Caridade”, envia mensagem à minha esposa perguntando se ela poderia passar a noite em nosso dormitório na universidade. Embora morasse no segundo andar,

ela estava impedida de entrar em seu prédio por conta da enchente. Todos os apartamentos do primeiro andar foram comprometidos. Dora explica que só conseguiu sair a tempo porque uma colega de trabalho a acordou no meio da tarde para sair o mais rápido possível da cidade, visto que o exército e a polícia estavam fechando suas principais vias de acesso. Naquela semana, ela estava trabalhando no turno da noite.

- 18 Já em casa, Dora estava mais calma. O temporal se transformara num chuveiro. Ela conta que teve que parar numa *kombini* (loja de conveniência) para comer algo e se tranquilizar. Durante a fuga diz ter sofrido uma queda brusca enquanto corria em direção ao carro, o que lhe custou o tornozelo direito bastante inchado. “Foi um irmãozinho que passou o pé em mim; [enquanto corria] eu vi um atrás me empurrando e o outro passando o pé. Cai com tudo no chão. Você não tem ideia do tombo que eu levei, Alvaro”.
- 19 Dora sempre se refere aos espíritos obsessores como “irmãozinhos” ou “irmãzinhas”. É um jeito carinhoso e fraternal para se referir a espíritos desencarnados que necessitam de sua ajuda. Lembrei-me que Dora já tinha nos explicado nas aulas do curso de desenvolvimento mediúnico<sup>8</sup> sobre a importância da vigília e oração constantes. O duplo mantra “orai e vigiai” e “vigiai e orai”<sup>9</sup> fora esquecido por Dora naquela ocasião de desespero.
- 20 Há cerca de 20 anos Dora reside no Japão. Natural de Itapira, interior de São Paulo, emigrou para juntar dinheiro. A meta inicial de apenas dois anos no exterior se prolongou para muito mais do que o esperado. Mestiça, de estatura baixa (cerca de 1,55m), olhos verdes claros levemente puxados, cabelos castanho-claros e curtos na altura do queixo, Dora atrai as pessoas pelo seu carisma e habilidades mediúnicas. Conheceu o espiritismo em meados de 2004 com os fundadores da Casa Caridade, Shigeru (*nikkei*<sup>10</sup>) e Ingrid (não *nikkei*), embora já tivesse tido experiências espirituais desde a infância. Após o retorno do casal ao Brasil em 2009, o comando da casa ficou dividido entre ela e o sr. Koji (65, *Nikkei*). Devido a discordâncias na condução dos trabalhos, ambos decidiram seguir o caminho da evangelização por rotas diferentes. Dois grupos foram criados, porém ambos se utilizam o nome original, “Casa Caridade”, causando certa confusão.
- 21 As atividades são realizadas num prédio público da prefeitura. O aluguel é gratuito, mas restrito a moradores da cidade. Os atendimentos espirituais e o curso de desenvolvimento mediúnico não envolvem dinheiro nem doações. Dora segue à risca a máxima “dai de graça o que de graça recebestes”, sendo estritamente proibido a qualquer médium da casa cobrar por trabalhos espirituais. Devido à inundação, até o momento da escrita deste texto, as atividades do centro estavam suspensas de forma indefinida pois não era mais possível alugar o prédio. No terceiro dia após o desastre pude passar em frente ao prédio fechado. Aparentemente ele não sofrera muito com a água. Uma mensagem deixada em vermelho no quadro de avisos dizia que as atividades estariam suspensas até o dia 18 daquele mês, mas a interdição permaneceu mais do que o esperado.

## Preparativos

- 22 Dora e Kelly começaram a contatar os trabalhadores e estudantes do centro através do chat do grupo no Facebook. Quinze pessoas (oito trabalhadores e sete estudantes) estavam na lista de conversa. A rede social foi uma importante ferramenta para troca de informações, inclusive ajudando a localizar pessoas tidas como desaparecidas. Alguns alunos não foram afetados pela inundação, como é o caso de Solange (47, mestiça) que

residia na parte alta da cidade, perto da ponte Toyomizubashi, acima do rio Kinugawa. Solange foi uma das primeiras a prestar socorro às vítimas, tanto pessoas quanto animais que foram abandonados ou que haviam se perdido de seus donos. Por participar de uma ONG que cuida de cães e gatos abandonados e dona de dois cachorros, Solange se mostrava bastante aflita com a situação de fragilidade dos animais.

- 23 Ficamos de encontrar Solange em Joso no dia seguinte, 11 de setembro, para levar algumas doações. O plano era sair de Tsukuba, passar no abrigo de Tsukuba Mirai (para entregar doações e verificar se havia brasileiros com necessidades) e ir para Joso.
- 24 O casal Kátia (34, mestiça) e Dênis (38, não *nikkei*), trabalhadores do centro, dispuseram-se a ir conosco. Eles pediram para sair mais cedo da fábrica a fim de ajudar com doações. Marta (cerca de 40 anos, *nikkei*), que começou o curso mediúnico junto de Solange em janeiro de 2015, também se dispôs a nos acompanhar. Ainda, juntaram-se a nós duas alunas da Universidade de Tsukuba e a sorridente professora Denise (cerca de 40 anos, não *nikkei*), que trabalha em Tsuki, escola brasileira que pesquisei no mestrado. Ao todo, quatro carros partiram carregados de mantimentos.

## O primeiro dia após a inundação

- 25 O dia 11 amanheceu sem chuva e bem ensolarado. O calor me fez lembrar que ainda estávamos no verão. Normalmente, Dora levava cerca de 40 minutos para chegar em Joso a partir do dormitório. Estávamos impossibilitados de utilizar trens, pois a linha *Joso-sen* estava interditada: a estação de Mitsukaido, principal parada da região, estava completamente alagada.
- 26 A única opção era ir de carro. Saímos cedo de nosso dormitório para fazer compras. Um pouco antes de encontrarmos com as demais pessoas no ponto de encontro, Dora pede para pararmos e fazemos uma prece pedindo proteção e guia durante a jornada que viria pela frente, a fim de que não nos envolvêssemos com nenhum irmãozinho pelo caminho ou com energias negativas, afetando nosso equilíbrio.
- 27 Após reunirmos todos, saímos de Tsukuba às 14:40 em direção ao abrigo de Tsukuba Mirai. Os desabrigados ocupavam duas quadras esportivas. Algumas famílias estavam separadas por caixas de papelão desdobradas. Placas em português indicavam quais peças de roupas estavam sendo doadas. Conversei com uma moça mestiça que falava muito bem japonês, servindo de intérprete para os cerca de 22 brasileiros ali evacuados. Horas antes de chegarmos ao abrigo ela havia publicado em sua conta no Facebook uma lista contendo os nomes desses brasileiros, que recebeu bastante compartilhamento. Por coincidência encontrei uma ex-aluna que se formou em 2013 em Tsuki. Ela estava acompanhada de sua família – mãe, pai e irmão mais novo. Ela elogiou as instalações do local, mas parecia bastante abatida e cansada. Conversamos pouco, pois estávamos preocupados com a situação do trânsito. Descarregamos todos os mantimentos no carro de Dora, reservando os demais carros para nosso destino. Pegamos outra lista com nomes, mais atualizada, com um voluntário do local e deixamos o abrigo por volta das 16h.



Ilustração – Recebimento de doações no abrigo de Tsukuba Mirai.  
Cortesia de Maria Murakawa.



Ilustração – Interior do abrigo de Tsukuba Mirai.  
Cortesia de Maria Murakawa.



Ilustração – Papelões dividindo o espaço entre famílias.  
Cortesia de Kelly Yumi Tsutiya.

- 28 Como previsto, enfrentamos bastante trânsito no trajeto. Enquanto tínhamos tempo livre, acompanhávamos a situação pelo Facebook. A prefeitura estava inundada; desde cedo a energia e a água foram cortadas no prédio e nos bairros afetados. Nos lugares não afetados, alto-falantes pediam para economizar água, já que não havia previsão de quando a situação se normalizaria. Um senhor brasileiro que trabalhava como intérprete na prefeitura postou em sua conta no Facebook três ou quatro números diferentes para o resgate, embora fosse possível acompanhar a queixa de pessoas ilhadas pela demora no salvamento. Pelo Whatsapp, minha tia ia me informando sobre sua situação. Eles ainda estavam presos dentro de seu apartamento no segundo andar juntos de uma jovem família de amigos que morava no primeiro andar. A família era composta pelo pai brasileiro, a mãe filipina e duas crianças pequenas.



Ilustração – Vista de prédio em região alagada.  
Cortesia de Maria Murakawa.

- 29 Ficamos sabendo, também, que uma escola japonesa de ensino fundamental (*Mitsukaido shogakkou*) e o centro de bem-estar, localizados um em frente ao outro, estavam funcionando como abrigos improvisados. Eles necessitavam urgentemente de doações, dada a grande quantidade de pessoas desalojadas e a dificuldade para se chegar ao local com caminhões para efetuar o abastecimento. Decidimos ir para lá depois de encontrarmos Solange.
- 30 A todo momento podia-se ouvir helicópteros voando. Eles iam e voltavam de Joso, em pares. Carros do exército, ambulâncias e carros de bombeiros vindos de outras províncias também tinham dificuldade para chegar à cidade. A lentidão no trânsito ocorria porque uma das principais vias (rodovia 294) que levava a Joso estava interditada devido ao alagamento. Dora encontrou um caminho alternativo, mas este estava congestionado porque interligava a cidade a outros municípios.

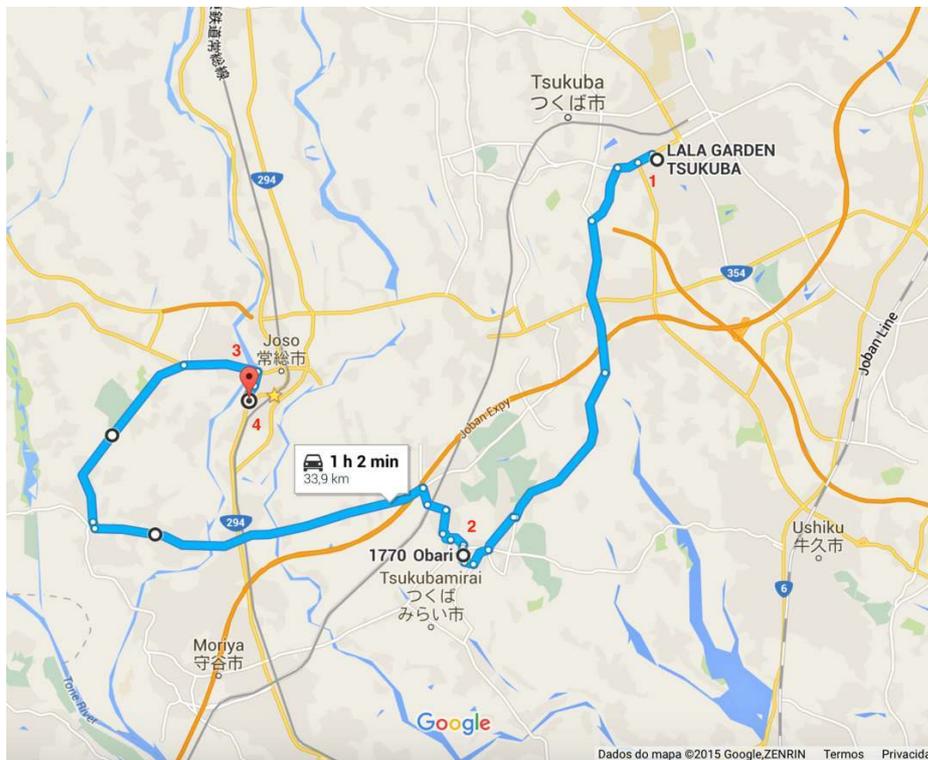


Ilustração – Mapa com o trajeto percorrido. Saímos do shopping Lala Garden (1), em direção ao abrigo em Tsukuba Mirai (2). Encontramos Solange em (3). O destino final é a escola de ensino fundamental (4). Montagem feita pelo autor utilizando o Google Maps.

- 31 Tivemos que dar uma longa volta para chegamos até onde Solange nos aguardava. Conseguimos encontrá-la por volta das 18h40. Ela estava emprestando seu chuveiro para pessoas desalojadas tomarem banho, além de levar comida feita numa empreiteira para os funcionários que estavam abrigados na escola. De lá rumamos para o centro de bem-estar e para a escola de ensino fundamental.
- 32 Em frente ao centro de bem-estar nos encontramos por acaso com Êmerson, Gustavo e Ana, todos conhecidos do grupo que viera conosco. Êmerson conciliava a rotina puxada na fábrica com um projeto socioesportivo com alunos de Tsuki. Gustavo é ex-aluno, dividindo seu tempo entre o grupo de dança *yosakoi* e o trabalho em fábrica. Amanda é professora de ensino fundamental em Tsuki e faz *arubaito* (bico) na rede atacadista Costco, em Tsukuba. Os três não tiveram suas casas tomadas pela água; eles estavam rodando pela cidade prestando ajuda. Êmerson e Gustavo chegaram a participar de salvamentos com um bote emprestado de um amigo, tentando resgatar quem quer que fosse por onde passavam nas zonas alagadas. O *jieitai* estava tendo dificuldades para conseguir resgatar a todos de forma rápida. Havia uma ordem de prioridades que começava com pessoas idosas, pessoas doentes, crianças e mulheres grávidas. O que deixava os brasileiros confusos é que entre as vítimas estrangeiras também havia crianças recém-nascidas e pessoas idosas esperando por salvamento. Isso gerou certa tensão, que logo foi interpretada como racismo por algumas pessoas de quem ouvi relatos.
- 33 O centro de bem-estar estava com falta de fraldas para crianças pequenas (tamanho P). Quase dois carros inteiros foram descarregados ali. Conversamos com uma senhora voluntária que parecia cuidar da recepção de doações e fizemos uma lista com os itens que eles mais necessitavam, sanando as dúvidas das pessoas que queriam ajudar enviando doações.

- 34 A situação do abrigo na escola estava mais caótica. Embora as escolas públicas no Japão sejam projetadas para que seu espaço seja multifuncional, operando como um abrigo em situações de emergência como esta, era perceptível que não havia mais espaço para novos desabrigados. As pessoas, de todas as faixas etárias, mas com visível presença de idosos, estavam alocadas na quadra poliesportiva, sentadas sobre um cobertor fino e bege. Não havia muita divisão entre as famílias, o que delimitava o espaço de cada um era a própria dimensão da coberta. Tínhamos chegado bem no meio da janta, que era *curry*. Muitos voluntários estavam alinhados lado a lado servindo as pessoas que se aproximavam das mesas improvisadas com tigelas descartáveis. Alguém conversou com um voluntário que respondeu rispidamente que eles não tinham tempo para receber doações, pois estavam ocupados. Sentindo-se contrariados com a situação, Dora, Kátia e Dênis resolveram distribuir diretamente algumas esteiras de espuma que eles haviam trazido para pessoas idosas. Alguns recebiam de braços abertos, outros recusavam timidamente. Um senhor de rosto severo me questionou se havíamos trazido o suficiente para todos, dando a entender que não seria justo beneficiar apenas um grupo. Respondi que não, mas era o que podíamos fazer no momento.
- 35 Exaustos, conversamos rapidamente com Êmerson e Solange e nos despedimos. Ficamos de voltar nos dias seguintes para ajudar no que fosse preciso. Dora nos deixou na universidade e foi para um apartamento improvisado pela sua empreiteira em outra cidade, próxima à Tsukuba.

---

## NOTAS

1. <http://www.sankei.com/affairs/news/150910/afr1509100036-n1.html>
2. Página em japonês: <http://www.gsi.go.jp/BOUSAI/H27.taihuu18gou.html>
3. <http://joyonews.jp/smart/?p=13711>
4. <http://www.asahi.com/articles/ASHC94JDMHC9UJHB00H.html>
5. Nome fictício
6. A Lei de Controle de Imigração permitiu a migração legal de descendentes de japoneses até a terceira geração para trabalharem no país sem restrições de atividades econômicas, permitindo renovação ilimitada do visto.
7. Página em japonês: <http://www.pref.ibaraki.jp/bugai/kokusai/tabunka/jpn/data/>
8. O curso de desenvolvimento mediúnico tem duração de apenas um ano, pois há falta de trabalhadores na casa. Ele é dividido entre aulas teóricas sobre a doutrina e aulas práticas para se verificar o desenvolvimento das habilidades mediúnicas. Ao final do curso Dora já tem uma pré-definição das habilidades dos médiuns trabalhadores e qual atividade cada um deve exercer. Basicamente os trabalhos espirituais requerem dois tipos de médiuns: incorporador e doutrinador. Quando um estudante se torna médium, não significa que ele ou ela pare de estudar. Aos sábados à noite, a partir das 18h, os trabalhadores da casa são convidados a participar do grupo de estudos das principais obras espíritas. O estudo constante mantém os médiuns atentos para a reforma íntima e mais preparados para socorrer pacientes encarnados e desencarnados que porventura cheguem em busca de auxílio.

9. A diferença na ordem das ações tem fundamento. Certa vez, durante as aulas, Dora nos explicou que nem sempre basta “orar e vigiar” quando não estamos equilibrados. Para que a prece tenha eficácia, é preciso que ela seja feita sob um estado mental de equilíbrio e paz, daí a necessidade de vigiar os próprios pensamentos antes de se encaminhar um pedido de ajuda ou proteção.

10. O termo *nikkei* significa descendente de japoneses. Neste texto, o termo é utilizado para diferenciar descendentes de não descendentes e mestiços. Embora seja possível dizer que mestiços também são tecnicamente *nikkeis* (descendentes), quero demonstrar a variedade étnica encontrada no campo ao salientar a mestiçagem. Mais do que um grupo homogêneo, penso que imigrantes brasileiros no Japão sejam parte da variedade étnica e cultural do Brasil.

---

## RESUMOS

Este relato descreve a inundação de Joso, cidade em que conduzo pesquisa de campo no Japão. Situada na província de Ibaraki, ao norte de Tóquio, Joso é lar para mais de dois mil imigrantes brasileiros, entre outras nacionalidades. A narrativa centra-se em alguns informantes do centro espírita Casa Caridade e sua tentativa de ajudar as vítimas do desastre.

A etnografia é dividida em dois textos, sendo este o primeiro. Aqui são introduzidos o contexto da enchente, a cidade, informantes do centro espírita e o primeiro dia visitando abrigos. A segunda parte, que será publicada posteriormente, foca na construção e articulação de uma rede de solidariedade construída por imigrantes brasileiros, a ida a regiões alagadas bem como a situação de Casa Caridade após o desastre.

This paper reports the flooding of Joso, city where I am conducting fieldwork research in Japan. Located in Ibaraki prefecture, north of Tokyo, Joso is home to more than two thousand Brazilian immigrants, amongst other nationalities. The narrative focuses on informants from House Charity, a spiritist center managed by migrants, and their attempt to help the victims of the flood.

The ethnography is divided into two parts, this being the first. In the first part, the context of the flood, the city, the spiritist center and the first day visiting shelters are introduced. The second part, which will be published later, on the construction and coordination of a network of solidarity made by Brazilian migrants, visits to flooded regions, as well as the situation of House Charity after the disaster.

## ÍNDICE

**Keywords:** Flood, Joso, Brazilian Migrants, Japan, Spiritism

**Palavras-chave:** Inundação, Joso, Imigrantes Brasileiros, Japão, Espiritismo

## AUTOR

ALVARO KATSUAKI KANASIRO

Titulação: doutorando

Filiação Institucional: University of Tsukuba, Graduate School of Humanities and Social Sciences,  
Doctoral Program in Cultural Anthropology  
E-mail: kanasiro.alvaro@gmail.com ou k4tsu06@gmail.com